

ARQUEOLOGIA EM PORTUGAL

150 anos



ASSOCIAÇÃO
DOS ARQUEÓLOGOS
PORTUGUESES
1863-2013

Patrocinador oficial
FUNDAÇÃO MILLENIUM BCP

Coordenação editorial: José Morais Arnaud, Andrea Martins, César Neves
Design gráfico: Flatland Design

Produção: DPI Cromotipo – Oficina de Artes Gráficas, Lda.
Tiragem: 400 exemplares
Depósito Legal: 366919/13
ISBN: 978-972-9451-52-2

Associação dos Arqueólogos Portugueses
Lisboa, 2013

O conteúdo dos artigos é da inteira responsabilidade dos autores. Sendo assim a Associação dos Arqueólogos Portugueses declina qualquer responsabilidade por eventuais equívocos ou questões de ordem ética e legal.

Os desenhos da primeira e última páginas são, respectivamente, da autoria de Sara Cura e Carlos Boavida.

Patrocinador oficial



Apoio institucional



ESTRUTURAS DE *HABITAT* DO FINAL DO PLISTOCÉNICO MÉDIO EM PORTUGAL: O CASO DOS PEGOS DO TEJO 2, PORTAS DE RÓDÃO, NISA

Nelson A. C. Almeida / DRCALEN, Divisão de Serviços e Bens Culturais, Extensão do Crato. Universidade de Évora, CHAIA|Arqueologia / nalmeida@cultura-alentejo.pt

RESUMO

Parte substancial da primeira investigação sistemática alguma vez realizada no Nordeste alentejano, ao qual se deu o nome de *Pré-história antiga no Nordeste alentejano* (PHANA) realizou-se nas Portas de Rodão, no complexo do Arneiro, concelho de Nisa. Aqui, numa área de 3 x 3 km, perto da aldeia de Monte do Arneiro, foram localizados quinze sítios de cronologia pré-histórica. Entre estes sítios foram intervencionados três ocupações datadas do Paleolítico Médio: Pegos do Tejo 2, Azinhal e Tapada do Montinho. A adscrição cronológica assentou em características tecno-tipológicas e datações por OSL. A escavação realizada nos Pegos do Tejo 2, além de apresentar uma coleção lítica com alguma importância (548 peças), revelou estruturas que indicarão a existência de uma zona residencial. A escavação que abarcou uma área de cerca de 8 m², pôs a descoberto parte de um empedrado, uma lareira e algumas anomalias que poderão corresponder a buracos de postes.

ABSTRACT

Under the research project “Ancient prehistory in the North-eastern Alentejo” (PHANA – *Pré-História Antiga no Nordeste Alentejano*), a major archaeological survey was done in the Portas de Rodão area, in the “Arneiro cluster”, municipality of Nisa. In an area of approximately 3 km x 3 km, near the village of Monte do Arneiro, fifteen sites were found. Three of these Middle Paleolithic settlements were excavated: Pegos do Tejo 2, Azinhal e Tapada do Montinho. The chronological attribution was the result of a techno-typological approach and OSL datations. From the archaeological excavation done in the Pegos do Tejo 2 site, besides the finding of an important lithic collection, some residential structures were identified. In the 8 square meters of the digged area, a pavement, a hearth and some postholes were found.

INTRODUÇÃO

Ao abrigo do projecto de investigação *Pré-história antiga no Nordeste alentejano* (PHANA) realizou-se na área das Portas de Rodão, no complexo do Arneiro, concelho de Nisa, um conjunto de intervenções arqueológicas com vista a clarificar o potencial desta zona relativamente a ocupações paleolíticas (Almeida & *alii*, 2008; Almeida, 2011; Almeida & *alii*, 2011). Aqui, numa área de 3 x 3 km, perto da aldeia de Monte do Arneiro, foram localizados quinze sítios cronologicamente atribuídos à Pré-história. Os trabalhos de prospecção arqueológica da zona permitiram, além de definir um primeiro

padrão de distribuição da ocupação paleolítica nesta área, a localização de algumas estações de grande valor científico.

Destes sítios abordar-se-á mais pormenorizadamente, pela importância da realidade arqueológica investigada, um local de cronologia atribuída ao Paleolítico Médio inicial: Pegos do Tejo 2 (Figura 1). Neste sítio arqueológico foi possível associar, num único local, uma indústria lítica significativa, estruturas de origem antropogénica e uma estratigrafia bem definida. As datações absolutas recolhidas e as características do sedimento que embalam o nível arqueológico, atiram este sítio para o fim do Plistocénico médio.

ENQUADRAMENTO GEOMORFOLÓGICO DA ESTAÇÃO

As características geomorfológicas da área das Portas do Rodão são o resultado de processos geomorfológicos em que entram duas realidades físicas diferentes: o rio Tejo e as cristas quartzíticas. Neste sector da bacia do rio Tejo, este rio atravessa duas cristas quartzíticas que separam as depressões do Ródão (a montante) e do Arneiro (a jusante). Esta região tem sido recentemente alvo de investigação geomorfológica, o que permitiu uma melhor interpretação da evolução da paisagem durante o Plistocénico (Cunha & *alii*, 2005, 2008 e 2012). Desse estudo resultou a identificação de seis terraços (T1 a T6) localizados abaixo da unidade sedimentar culminante e acima do leito actual do rio. O complexo de terraços do Monte da Charneca, que compreende dois níveis distintos é agora diferenciado como T2 e T3 para coincidir com o código estabelecido para a Bacia do Baixo Tejo (Martins & *alii*, 2009). Os três terraços mais baixos do Tejo (T4, T5 e T6) e a camada de areias que os recobrem contém indústrias líticas do Paleolítico Inferior até ao Paleolítico Superior, foram datadas por Luminescência e Series de Urânio (Martins & *alii*, 2010a). Sendo assim o T4 desenvolve-se entre cerca 340-150 Ka (MIS 9-6); o T5 entre 136-75 Ka (MIS 5); o T6 entre 62-30 Ka (MIS 3) o coluvião inferior e as areias eólicas 30-12 Ka (MIS2). Foram ainda identificados deslocamentos verticais entre terraços pertencentes a sectores distintos que podem estar relacionadas com actividade tectónica com origem nas falhas do Pônsul, da Casa das Artes, da Sra. da Alagada entre outras (Cunha & *alii*, 2008).

PEGOS DO TEJO 2 E O PALEOLÍTICO DAS PORTAS DO RODÃO

No concelho de Vila Velha de Ródão, na depressão com o mesmo nome, vários foram os sítios de cronologia paleolítica localizados e escavados. No sítio do Monte do Famaco foi recolhida uma indústria constituída por 34 peças roladas em quartzito, numa cascalheira com cerca de 0,5 m de espessura do Terraço T4. Esta indústria foi atribuída ao Acheulense Médio Inicial (Raposo & Silva, 1985a, Raposo, 1987). No topo deste mesmo terraço foram recolhidos cerca de 1500 peças em quartzito, entre bifaces, machados e raspadeiras, com evidência de

abrasão eólica, também associadas a Acheulense Médio Inicial (Raposo, 1987). A base do T4 foi datada por IRSL (Luminescência Estimulada por Infravermelhos) em 280 Ka (Martins & *alii*, 2010b). Verifica-se, no entanto, que esta idade está subestimada, podendo a idade da base do T4, e os materiais do Acheulense Médio Inicial aí recolhidos, chegar perto dos 340 Ka.

No sítio do *Caminho da Celulose* (perto da Foz do Enxarrique) foram recolhidos artefactos moustierenses *in situ* (G.E.P.P., 1977; Luís Raposo, comunicação pessoal).

A escavação arqueológica do sítio da Foz do Enxarrique (Raposo & *alii*, 1985; Raposo, 1987) revelou uma indústria Moustierense abundante (cerca de 10 000 peças em quartzito-67%, quartzito leitoso – 23% e sílex). Alguma desta indústria indiciando talhe Levallois. Esta indústria espalhava-se pelos depósitos do T4 e T5. Também foram identificados restos de megafauna (*Cervus elaphus*, *Equus sp.*, *Bos primigenius*, *Elephas antiquus* e rinoceronte) outros mamíferos (ex. raposa, hiena e coelho) avifauna e ictiofauna (Brugal & Raposo, 1999; Cardoso, 1993). A indústria lítica e a fauna associada assentavam numa camada de seixos e estavam recobertos por uma camada de areias finas e siltes. Esta camada foi datada por IRSL em 39 e 32 Ka (Cunha & *alii*, 2008). Datações por Series de Urânio, realizadas em três dentes recolhidos durante a intervenção arqueológica, apresentaram uma idade de 33.6 ± 0.5 ka (Raposo, 1995).

A escavação do sítio de Vilas Ruivas (G.E.P.P., 1980; Raposo & Silva, 1985b; Raposo, 1987) permitiu verificar que o T4 é composto por uma camada de 4 m de espessura de areias grosseiras compactas de cor vermelha que embalavam seis peças roladas de tipologia Acheulense e uma outra camada superior também com 4 m constituída por seixos. A superfície do terraço situa-se a 124 m a.n.m. Vilas Ruivas também apresenta no seu registo sedimentar vestígio do paleovale dum tributário do Tejo (provavelmente da ribeira de Vilas Ruivas antes de ser capturada), inciso no T4 (Silva & *alii*, 1981). É neste registo sedimentar que foram identificadas estruturas residenciais complexas como lareiras e corta-ventos (Raposo, 1987). A indústria Moustierense recolhida neste local, mais de 500 peças, foi maioritariamente obtida através de talhe Levallois. Estes artefactos foram encontrados num nível de siltes com espessura variando entre 0,5 e 1 m que se sobrepõe a um

nível de areão com cerca de 0,2-0,5 m de espessura, de onde foram obtidas datas TL subestimadas de 68 ka +35 ka/-26ka and 51 ka +13 ka/-12ka (Raposo, 1995) e datas IRSL de 113±6 ka e 105±5 ka (Cunha & alii, 2008). No topo da sequência sedimentológica foi recolhida uma indústria lítica, provavelmente Madalenense, associada a escassas areias eólicas (Raposo, 1987).

PEGOS DO TEJO 2

O sítio arqueológico identificado como Pegos do Tejo 2 localiza-se a cerca de 100 m da margem esquerda do rio Tejo, no limite da exploração mineira romano/medieval. Durante as prospeções de 2003 foram encontrados, nesta área, alguns materiais de tipologia paleolítica mas sem se conseguir uma localização pormenorizada da jazida. Durante uma nova visita à zona, que teve lugar em 2005, foi detectado um núcleo Levallois (Figura 3, nº 2) num corte originado pela abertura de um caminho. Iniciou-se uma campanha de escavação nesta estação, em Dezembro de 2006. Os trabalhos iniciaram-se com a remoção mecânica dos cerca de metro e meio de sedimento que recobria a ocupação paleolítica. Esta metodologia foi possível devido ao conhecimento da estratigrafia do local. Os últimos 40 cm foram removidos manualmente. A quadrícula implantada no terreno teve as dimensões de 2 x 4 metros. No entanto, a Sul área em escavação coincide com o talude do caminho que destruiu parte da estação arqueológica. Por essa razão os quadrados L2 e M2 apenas foram escavados em 70 cm² e 50 cm² respectivamente. A escavação permitiu verificar que o nível arqueológico se encontra bem conservado (a crivagem do sedimento permitiu recolher esquirolas com cerca de 4 mm).

O corte estratigráfico registado nesta estação tem um desenvolvimento de cerca dois metros. A sua descrição é apresentada de forma a inserir o nível arqueológico no seu contexto geológico (Figura 2). A ocupação paleolítica encontra-se precedida por outra quatro unidades estratigráficas. A primeira dessas unidades resume-se ao solo arável, apresentando uma matriz arenosa embalando seixos angulosos quartzíticos, originários da crista que domina a Norte da estação. O segundo nível caracteriza-se pela mesma matriz arenosa mas sem a matéria orgânica. No topo desta camada foram ainda detectados alguns seixos angulosos em quartzito. O terceiro de-

pósito sedimentar é formado por argilas vermelhas que apresentam fissuras colmatadas pelo sedimento da camada anterior. Estes três primeiros estratos foram afectados pela camada 0 que corresponde a uma fossa para plantio de árvore que revolveu parte da C1, C2 e C3, no canto superior esquerdo. A quarta unidade estratigráfica, constituída por areias de cor alaranjada, apresenta alguns depósitos de argila branca de forma irregular. A camada arqueológica (C5), que lhe está subjacente, apresenta as mesmas características mas com a presença de seixos rolados e indústria lítica. Pelo que se percebe da área exposta no corte natural, e porque a escavação terminou na base da camada 5, a camada que lhe é subjacente apresenta as mesmas características da C4.

Foi recolhida uma indústria lítica com alguma abundância (±60 peças por m²) que permite caracterizá-la como uma indústria sobre lasca (Figura 3). A matéria-prima utilizada é, preponderantemente, o quartzito autóctone (93%), seguido do quartzo (5%). Não foi recolhido nenhum material em sílex. Este quartzito é obtido na forma de blocos que se vai despreendendo naturalmente das cristas quartzíticas que formam as Portas do Rodão. O percutor utilizado é preponderantemente duro, em material mineral (96%), o que justifica a presença abundante de lascas com acidentes de Siret, aproveitadas para utensílios. A análise realizada às cadeias operatórias permitiu verificar que a debitação preferencial é uma debitação discóide e uma outra, já detectada no sítio da Tapada do Montinho, que se denominou de debitação oportunista sobre bordo de seixo. Pela presença de lascas Levallois, pode-se afirmar a existência também desta técnica, já confirmado com a recolha de um núcleo típico deste modo de debitação e que permitiu a primeira localização do sítio. Foram também identificados no sítio Pegos do Tejo 2 um núcleo acheulense e um biface. Os núcleos acheulenses são usualmente unipolares com levantamentos paralelos sendo o talão cortical aproveitando uma superfície direita (Turq, 2000). O biface, patinado, foi reutilizado como raspadeira (Figura 3 n.º 1). Da análise realizada sobre esta colecção ressalta a presença de raspadeiras, entalhes e denticulados. Um dos denticulados sobre lasca recolhidos (Figura 3 n.º 6) apresenta alteração cromática que indica que o quartzito foi aquecido. Registou-se uma grande percentagem de lascas com córtex (77%) e reduzido número de lascas sem córtex, o que poderá indicar que neste local se produziram muitos suportes que foram transpor-

tados para outros locais. A indústria lítica dos Pegos do Tejo 2 apresenta grande número de utensílios sobre lascas corticais e sobre fragmentos naturais.

No que a estruturas diz respeito, confirmou-se a presença de uma lareira localizada nas quadrículas L3/L2, já indiciada pela ausência de pedras nesta área aquando da 1.^a decapagem do sítio (Figura 4 e 5). A lareira apresenta uma forma sub-circular com um tamanho máximo de 65 cm. É constituída por uma base de blocos de quartzito proveniente das cristas quartzíticas e abundante em toda a encosta. O empedrado superior é composto pelo mesmo tipo de quartzito e algum quartzo leitoso (Figura 6). Durante a escavação do interior desta estrutura foram recolhidos seixos com indícios de alteração térmica acentuada. O sedimento do interior da lareira apresentava uma cor ligeiramente mais escura (Figura 7). Algumas das pedras que limitam o anel superior apresentavam sinais de ruborização, como também apresentam essa mesma ruborização as pedras de base, que também se preservaram (Figura 8). Além desta lareira verificou-se a presença de umas anomalias sedimentares que poderiam indicar a presença de buracos de poste (Figura 8). Estas anomalias estão alinhadas e apresentam um espaçamento entre si constante. Pelas características apresentadas poderão de facto representar buracos de poste realizados para suportar um qualquer tipo de estrutura perecível (Figura 9). Esta conclusão parece ser corroborada pela análise espacial da distribuição da indústria lítica recolhida (Figura 4). A presença de materiais líticos cessa junto à linha definida pelos buracos de poste o que poderá representar o que costuma denominar-se por efeito de parede. A projecção vertical do material coincide com o empedrado (Figura 10). O nível pétreo e os materiais arqueológicos estão distribuídos verticalmente e horizontalmente no mesmo nível.

A projecção de material arqueológico parece evidenciar dois níveis distintos de ocupação. O primeiro coincide com o limite espacial da couraça pétreo e com o limite definido pelos buracos de poste. O nível inferior parece alastrar para o corte Norte. No entanto os dois níveis estão interligados devendo corresponder a sucessivas ocupações do mesmo local.

A datação desta ocupação realizou-se com recurso a datação por OSL sobre os sedimentos da camada 4 imediatamente acima do nível arqueológico. Obteve-se uma datação de 135 ± 21 ka (GLL code 050301). No entanto o relatório do Laboratório de

Luminescência de Ghent indica que o quartzo desta amostra se apresenta saturado em termos de radiação natural, pelo que esta idade deve ser considerada como idade mínima. Esta datação mínima foi corroborada por uma outra, por IRSL (em feldspatos), de 129 ± 8 ka, obtida no topo do mesmo terraço T4, nas imediações desta estação (Cunha & *alii*, 2008).

CONCLUSÕES

As prospecções e escavações realizadas até à data no Nordeste alentejano permitiram identificar uma presença humana significativa durante o Paleolítico nesta região de Portugal. Outra conclusão que se pode retirar dos trabalhos realizados ao abrigo do projecto PHANA assenta na existência, demonstrada pelas escavações realizadas e em curso, de ocupações paleolíticas bem conservadas.

A utilização de métodos de datação absoluta (OSL) permitiu controlar e afinar as cronologias baseadas em atribuições morfo-tipológicas das indústrias recolhidas. Esta mais valia evita distorções, que as atribuições apenas baseadas neste último parâmetro podem reflectir da realidade da evolução humana durante os tempos paleolíticos.

A boa preservação, apresentada pelas estratigrafias descritas e pelos sítios em si, contribui para a viabilidade de mais investigações. Neste contexto, as estruturas detectadas na estação dos Pegos do Tejo 2 surgem como um dado marcante para a percepção que existe em relação às comunidades de caçadores-recolectores que viviam em Portugal, no final do Plistocénico médio. Embora não existam vestígios antropológicos contemporâneos que permitam identificar o autor, presume-se que a elaboração desta área residencial, deverá ser atribuída ao *Homo sapiens neanderthalensis*. A elaboração das infra-estruturas criadas (buracos de poste, lareira) indicia uma reutilização do espaço. Os dados da distribuição vertical do registo arqueológico parecem evidenciar uma intenção de permanência sucessiva ou intermitente no mesmo lugar. Este pode ser um indicador que a deslocação destas comunidades não se regia por um padrão aleatório mas sim por uma migração sazonal entre diferentes áreas de permanência. Esta faceta comportamental pode indicar um planeamento de longo prazo. Os dados recolhidos na estação Pegos do Tejo 2 representam um contributo para a compreensão das práticas comportamentais e, subsequentemente, das capacidades cognitivas do Homem de Neandertal.

BIBLIOGRAFIA

- ALMEIDA, N.; DEPREZ, S.; DE DAPPER, M. (2008) – The Palaeolithic occupation of the North-eastern of Alentejo (Portugal): a geoarchaeological approach. In BUENO-RAMIREZ, Primitiva; BARROSO-BERMEJO, Rosa; BALBÍN-BERHMANN, Rodrigo de, eds – *Graphical Markers and Megalith Builders in the International Tagus, Iberian Peninsula* (BAR International Series, 1765), pp.19-26.
- ALMEIDA, N. (2011) – New data from the Arneiro/Nisa Palaeolithic cluster (Portugal): The Middle Palaeolithic occupations of Pegos do Tejo 2 and Tapada do Montinho. In BUENO-RAMIREZ, Primitiva; CERRILLO CUENCA, E.; GONZALEZ CORDEIRO, A. eds. – *From the Origins: The Pre-history of the Inner Tagus Region* (BAR International Series, 2219), pp.17-25.
- ALMEIDA, N.; CARVALHO, V.; AVELEIRA, A. (2011) – Primeiros dados sobre a Pré-história antiga no Nordeste alentejano. In CARNEIRO, A.; ROCHA, L.; MORGADO, P.; OLIVEIRA, J., eds – *Arqueologia do norte alentejano – Comunicações das 3.ªs Jornadas*. Lisboa: Edições Colibri/C.M. Fronteira, pp. 35-43.
- BRUGAL, J.-Ph.; RAPOSO, L. (1999) – Foz do Enxarrique (Ródão, Portugal): preliminary results of the analysis of a bone assemblage from a Middle Palaeolithic open site. In GAUDZINSKI, Sabine; TURNER, Elaine eds. – *The Role of Early Humans in the Accumulation of European Lower and Middle Palaeolithic Bone Assemblages: Ergebnisse eines Kolloquiums* (Romisch-Germanisches Zentralmuseum Forschungsinstitut für Vor- und Frühgeschichte Monographien, 42), pp. 367-379.
- CARDOSO, J. L. (1993) – *Contribuição para o conhecimento dos grandes mamíferos do Plistocénico Superior de Portugal*. Oeiras: Camara Municipal.
- CUNHA, P. P.; MARTINS, A. A.; DAVEAU, S.; FRIEND, P. F. (2005) – Tectonic control of the Tejo river fluvial incision during the late Cenozoic, in Ródão – central Portugal (Atlantic Iberian border). *Geomorphology*, 64, pp. 271-298.
- CUNHA, P. P.; MARTINS, A. A.; HUOT, S.; MURRAY, A.; RAPOSO, L. (2008) – Dating the Tejo River lower terraces in the Ródão area (Portugal) to assess the role of tectonics and uplift. *Geomorphology*, 102, pp. 43-54.
- CUNHA, P. P.; ALMEIDA, N. A. C.; AUBRY, T.; MARTINS, A. A.; MURRAY, A. S.; BUYLAERT, J. P.; SOHBATI, R.; RAPOSO, L.; ROCHA, L. (2012) – Pleistocene sedimentary and human occupation records in the Arneiro depression (Lower Tejo River, central eastern Portugal). *Geomorphology Special Issue – Quaternary river terraces*, 165-166, pp. 78-90.
- G.E.P.P. (1977) – *O Paleolítico. As primeiras comunidades humanas de caçadores-recolectores. Grupo para o Estudo do Paleolítico Português*. Castelo Branco: Edição do Museu Francisco Tavares Proença Júnior.
- G.E.P.P. (1980) – Vilas Ruivas: um acampamento do Paleolítico Médio. *História e Sociedade*, 7, pp. 29-33.
- MARTINS, A. A.; CUNHA, P. P.; HUOT, S.; MURRAY, A.; BUYLAERT, J. P. (2009) – Geomorphological correlation of the tectonically displaced Tejo River terraces (Gavião--Chamusca area, central Portugal) supported by luminescence dating. *Quaternary International*, 199, pp. 75-91.
- MARTINS, A. A.; CUNHA, P. P.; BUYLAERT, J. P.; HUOT, S.; MURRAY, A.; DINIS, P.; STOKES, M. (2010) – K-feldspar IRSL dating of a Pleistocene river terrace sequence of the Lower Tejo River (Portugal, western Iberia). *Quaternary Geochronology*, 5, pp. 176-180.
- MARTINS, A. A.; CUNHA, P. P.; ROSINA, P.; OOSTERBECK, L.; CURA, S.; GRIMALDI, S.; GOMES, J.; BUYLAERT, J. P.; MURRAY, A. S.; MATOS, J. (2010) – Geoarchaeology of Pleistocene open-air sites in the Vila Nova da Barquinha – Santa Cita area (Lower Tejo River basin, central Portugal). *Proc. Geol. Assoc.*, v. 121, Issue 2, pp. 128-140.
- RAPOSO, L. (1987) – Os Mais Antigos Vestígios de Ocupação Humana Paleolítica na Região de Ródão. In *Da Pré-história à História – Homenagem a Octávio da Veiga Ferreira*. Editorial Delta, pp. 153-178.
- RAPOSO, L. (1995) Ambientes, territorios y subsistencia en el Paleolítico medio de Portugal. *Complutum*, 6, pp. 57-77.
- RAPOSO, L.; SILVA, A. C. (1985) – A campanha de escavações de 1983 no Monte Famaco. *Informação Arqueológica*, 5, pp. 68-69.
- RAPOSO, L.; SILVA, A. C. (1985) – A campanha de escavações de 1982 em Vilas Ruivas. *Informação Arqueológica*, 5, p.70.
- RAPOSO, L.; SILVA, A. C.; SALVADOR, M. (1985) – Notícia da descoberta da estação Mustierense da Foz do Enxarrique (Ródão). In *I Reunião do Quaternário Ibérico (Proceedings)*, Lisboa, vol. 2, pp. 79-90.
- SILVA, A.; PIMENTA, C.; LEMOS, F.; ZILHÃO, J.; MATEUS, J.; RAPOSO, L.; COUTINHO, M. (1981) – Vilas Ruivas: um acampamento do Paleolítico Médio. Breve história dos trabalhos arqueológicos realizados em Vilas ruivas. *História e Sociedade*, 7, pp. 29-33.
- TURQ, A. (2000) – Le Paleolithique inferieur et moyen entre Dordogne et Lot. *Paleo*, 2, Supplement.

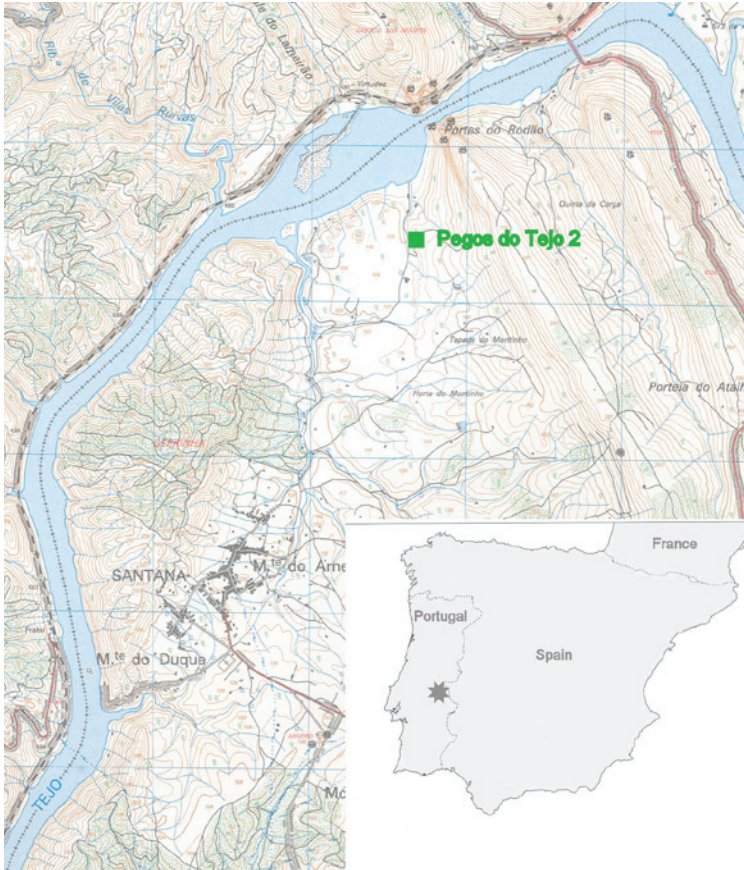


Figura 1 – Localização do sítio Pegos do Tejo 2 na Península Ibérica e na C.M.P.n.º 315 esc.1/25000.

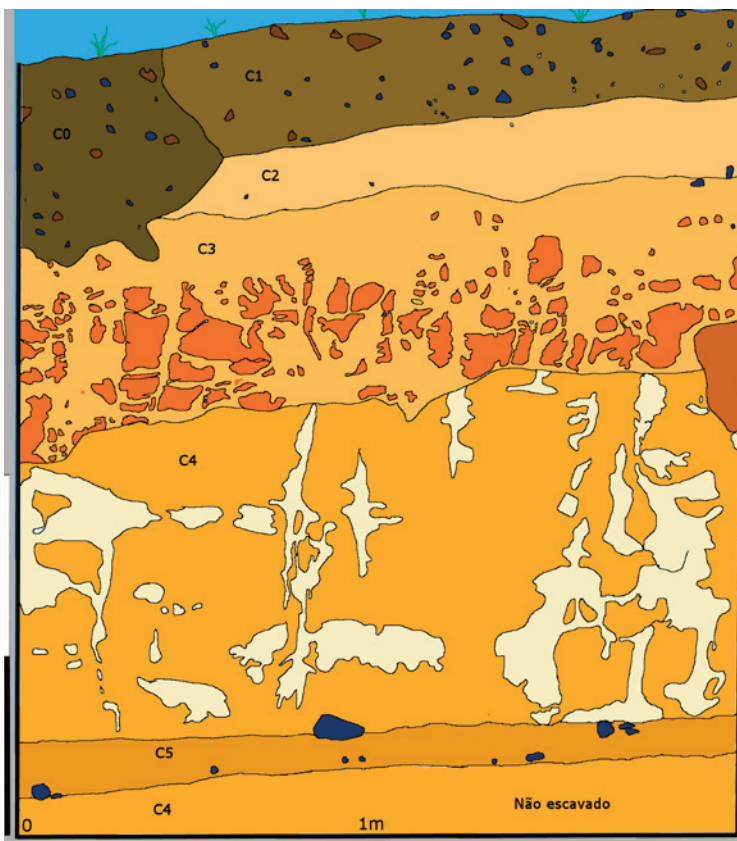


Figura 2 – Corte estratigráfico da estação Pegos do Tejo 2. C1 – solo arável, apresentando uma matriz arenosa embalando seixos angulosos quartzíticos. C2 – mesma matriz arenosa mas sem a matéria orgânica. C3 – depósito sedimentar formado por argilas vermelhas que apresentam fissuras colmatadas pelo sedimento da camada anterior. Estes três primeiros estratos foram afectados pela C o que corresponde a uma fossa para plantio de árvore que revolveu parte da C1, C2 e C3, no canto superior esquerdo. C4 – unidade estratigráfica, constituída por areias de cor alaranjada, apresenta alguns depósitos de argila branca de forma irregular. C5 – camada arqueológica que apresenta as mesmas características sedimentológicas que a C4 mas com a presença de seixos rolados e indústria lítica.

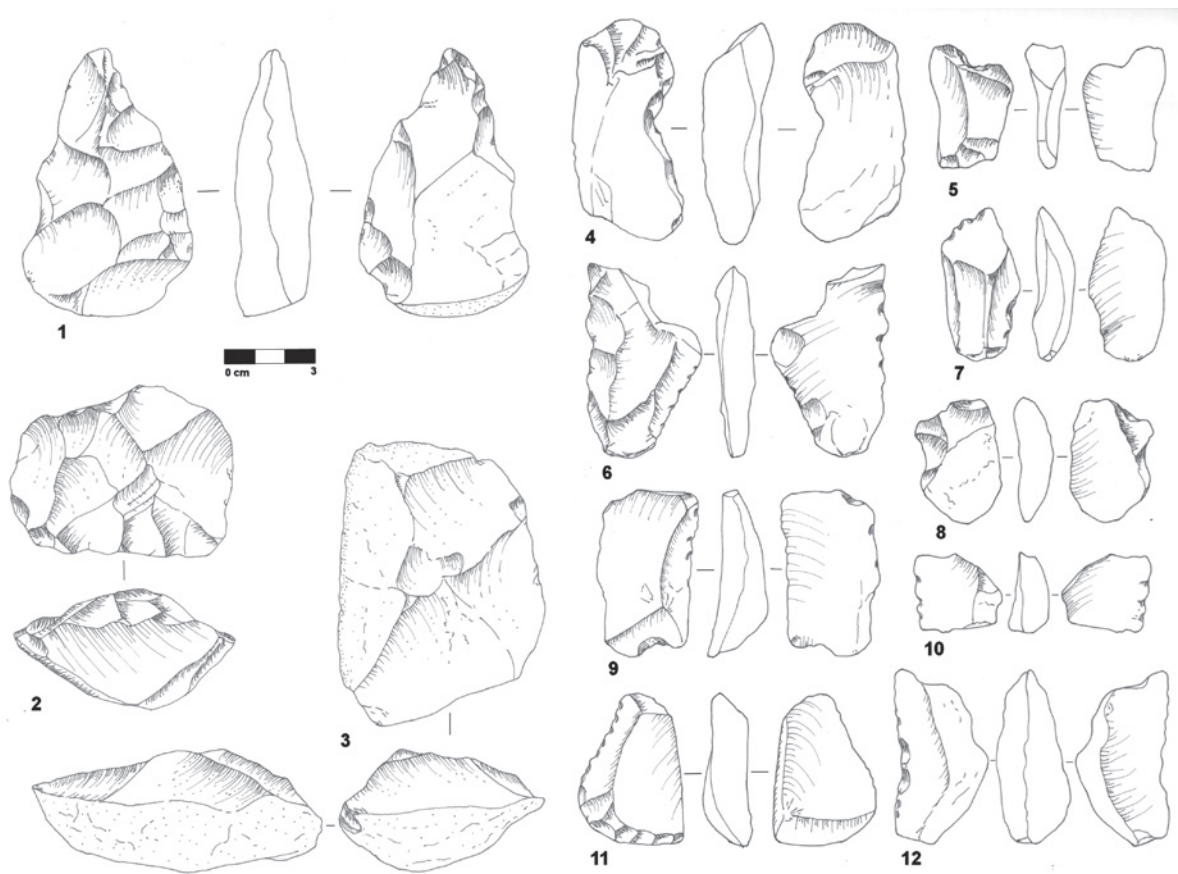


Figura 3 – Indústria lítica da estação Pegos do Tejo 2: 1 – Biface reutilizado como raspadeira; 2 – núcleo Levallois; 3 – núcleo discoide; 4 – utensílio duplo (raspadeira e entalhe); 5 – entalhe sobre lasca Levallois; 6 – denticulado sobre lasca alongada; 7 – denticulado sobre lasca; 8 – furador sobre lasca; 9 – raspadeira sobre lasca Siret; 10 – denticulado sobre lasca; 11 – raspadeira sobre lasca Siret; 12 – faca de dorso cortical. Todos em quartzito “menos nº 1, em calcedónia..

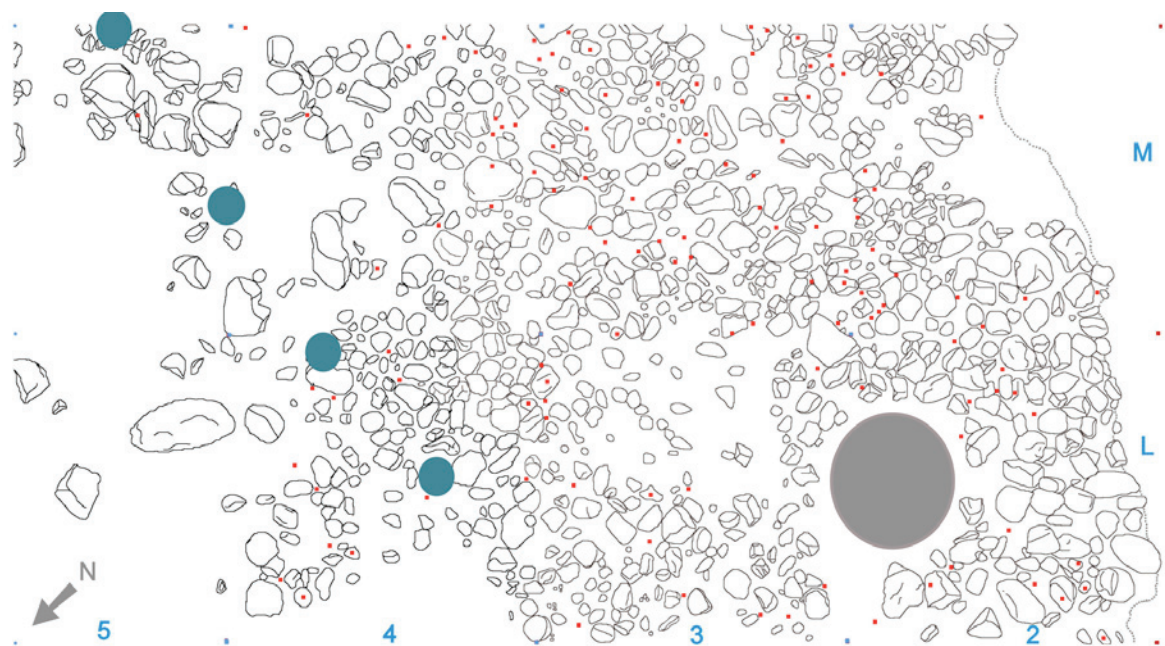


Figura 4 – Desenho da área escavada com localização da lareira (cinzento), buracos de poste (azul) e indústria lítica (vermelho).



Figura 5 – Vista geral da estação: são visíveis os limites norte do empedrado e o círculo sem pedras que define a lareira.

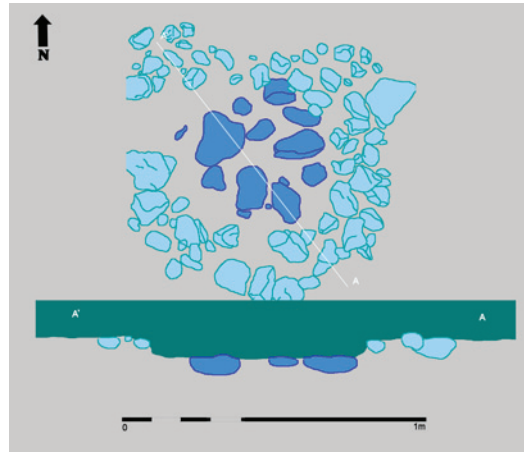


Figura 6 – Representação gráfica da lareira e respectivo corte.



Figura 7 – Pormenor da parte superior da lareira.



Figura 8 – Pormenor da base da lareira.



Figura 9 – Pormenor de um dos buracos de poste.

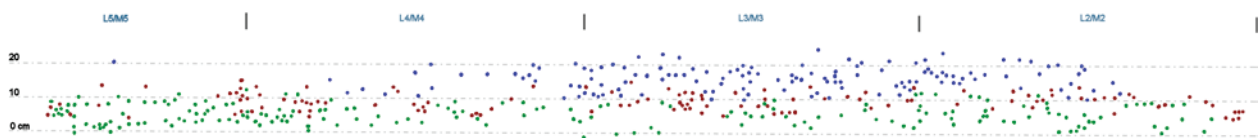
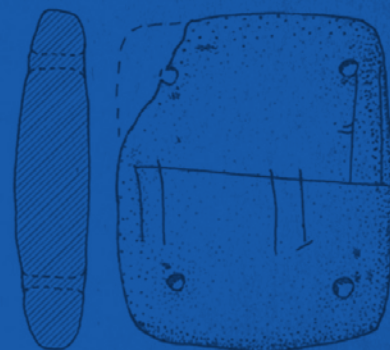
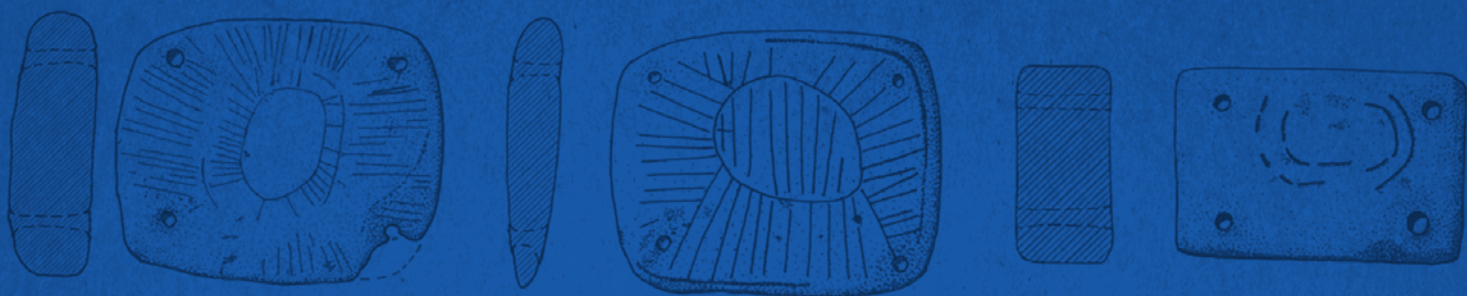
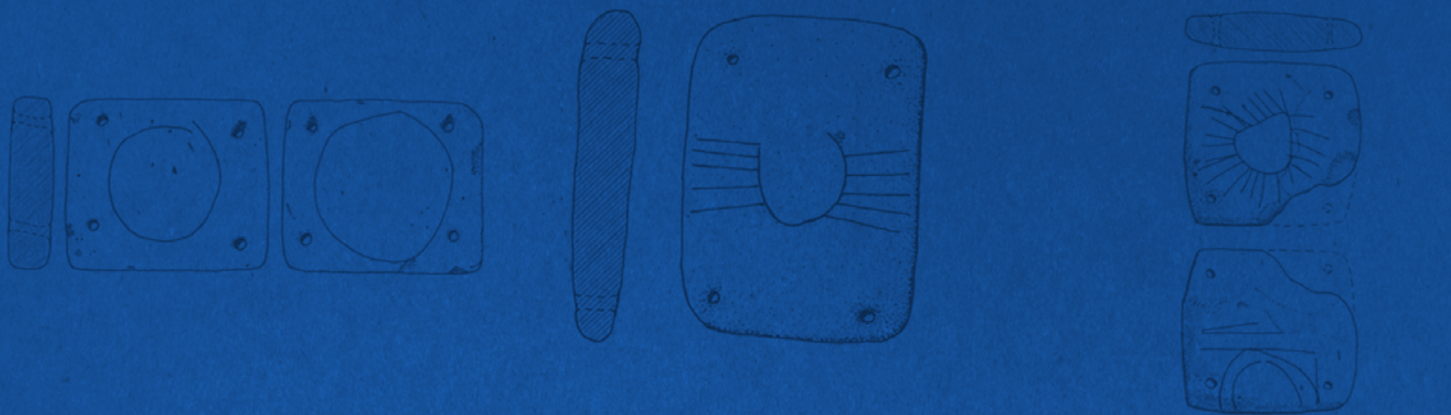


Figura 10 – Distribuição vertical da indústria lítica por decapagens (azul: 1.º decapagem; vermelho: 2.ª decapagem e verde: 3.ª decapagem).

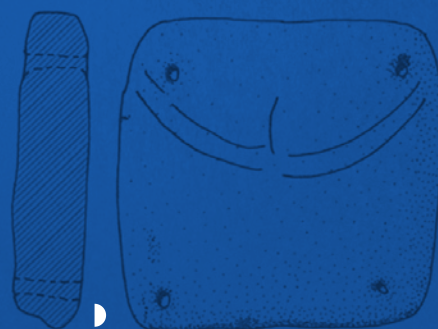


AAP
ASSOCIAÇÃO
DOS ARQUEÓLOGOS
PORTUGUESES

Patrocinador oficial



Apoio institucional



FUNDAÇÃO
Millennium
bcp

BNP
BIBLIOTECA
NACIONAL
DE PORTUGAL

 GOVERNO DE
PORTUGAL


Parques de Sintra
Monte da Lua